

CONTROLE DE MOSCAS E BORRACHUDOS BASEADO NO MANEJO DE DEJETOS EM CRIAÇÕES DE SUÍNOS

Doralice Pedroso de Paiva¹

Em pesquisa realizada em cerca de 200 propriedades suinícolas do Município de Concórdia, foi evidenciada a necessidade de divulgação, entre os produtores, da técnica de manejo integrado de mosca que se baseia principalmente nas medidas de controle mecânico, através do correto manejo dos dejetos.

As falhas de manejo dos dejetos levantadas pela pesquisa podem ser corrigidas sem elevação do custo de produção. Ao contrário, haverá até maior retorno pelo melhor aproveitamento dos dejetos e pela redução das perdas acarretadas pela presença das moscas. Podem ser reduzidas as perdas por morte de leitões com diarreias transmitidas pelas moscas, a perda de peso e diminuição do leite das porcas pelo estresse por elas produzido, sem contar o maior conforto e saúde do produtor pela eliminação desses insetos.

A principal falha encontrada foi a permanência de esterco suíno nas canaletas das pocilgas, exposto à postura e criação de moscas. A manutenção dessas canaletas com uma lâmina d'água de altura suficiente para cobrir todo o esterco, além de evitar as modcas, facilita a remoção do esterco para as esterqueiras. A mosca adulta precisa encontrar esterco úmido para fazer postura e suas larvas necessitam desse mesmo esterco úmido para se alimentarem e crescerem. mantendo o esterco dentro d'água ficará interrompido o ciclo de vida da mosca na sua fase jovem, com custos reduzidos, pois as larvas precisam se alimentar por 5 a 6 dias antes de formar a pupa (casulo) e não podem respirar dentro d'água. Se a canaleta for rasa, não permitindo a manutenção da Lâmina d'água, o esterco deve ser removido duas vezes por semana, para esterqueira que deve ter água suficiente para cobrir o esterco, evitando a formação da pupa e o nascimento de novas moscas.

Em 23,9% das propriedades pesquisadas não era feito nenhum manejo dos dejetos, encontrando-se os mesmos acumulados junto às instalações, sem aproveitamento, contaminando o meio ambiente (Tabela 1).

A esterqueira era utilizada em 93,0% das propriedades sendo que em 56,2% delas a mesma não possuía revestimento (imprescindível para a prevenção da contaminação do lençol freático).

A falta de recursos econômicos foi o motivo apresentado por 41,7% dos produtores para a não adoção de um desses tipos de armazenagem de esterco, daí a necessidade de abertura de linha de crédito, compatível com a situação do produtor, para suprir essa carência.

Os outros motivos apresentados, entre eles, o terreno não permitir a construção de esterqueira por verter água ou por haver laje, ou não utilização do esterco suíno como adubo orgânico, pois segundo os produtores, o uso de cama de aviário reduz a mão de obra na distribuição, demonstraram a necessidade de uma assistência técnica mais efetiva. Os dados levantados evidenciam a necessidade de se levar informações e orientação quanto à construção de

¹Méd. Vet, D. Sc. em Parasitologia Veterinária e Bolsista do CNPq/EMBRAPA–CNPSA

Tabela 1 – Número e porcentagem de propriedades suinícolas, entrevistadas de abril/91 a abril/92, que adotam sistemas de armazenagem de dejetos, em Concórdia, SC.¹

Tipo de armazenagem	Número de propriedades	%
Lagoa	2	1,3
Biodigestor	3	1,9
Bioesterqueira	6	3,8
Esterqueira	148	93,0
Somatório	159 ²	100,0

¹48 propriedades não faziam nenhuma armazenagem dos dejetos

²algumas propriedades adotavam mais de um sistema de armazenagem.

esterqueiras e da conscientização do produtor quanto aos riscos e prejuízos que ocorrem pela falta de manejo correto do esterco.

O tamanho das esterqueiras foi outro fator levantado, havendo 96,1% das propriedades apresentado capacidade de armazenamento dos dejetos inferior a 4 meses, que é o tempo ideal para a fermentação e a destruição de agentes causadores de doenças. Estes tamanho estava sendo calculado, na maior parte dos casos, pelo operador de máquina da prefeitura e pelo próprio criador, sem o acompanhamento de um técnico habilitado (Tabela 2).

Tabela 2 – Autoria do cálculo das dimensões e da recomendação do tipo de sistema de armazenamento de dejetos de suínos nas propriedades entrevistadas, em Concórdia, SC, de abril/91 a abril/92.

Autor	Cálculo do tamanho		Recomendação do tipo	
	Nº	%	Nº	%
Operador máquina Prefeitura	66	43,1	64	41,8
Produtor	44	28,8	44	28,8
Extensão Rural	15	9,8	15	9,8
Não sabe informar	12	7,8	14	9,2
Agroindústria	10	6,5	11	7,2
Outro	2	1,3	3	1,9
Já comprou com o sistema de armazenamento	2	1,3	2	1,3
Pedreiro	1	0,6	0	0,0
Cooperativa	1	0,6	0	0,0
Somatório	153	100,0	153	100,0

Pela falta de conhecimento as esterqueiras estavam sendo sub-dimensionadas o que acarretava a necessidade de remoção mais frequente do adubo (35,1% delas sobrecarregando o sistema de transporte de adubo da prefeitura) e gerando a produção de adubo de baixa qualidade, pela falta de tempo suficiente para a fermentação. A pior consequência das esterqueiras sub-dimensionadas é o extravazamento do conteúdo delas para os cursos d'água, onde irá produzir borrachudos (Simulídeos). Esses insetos se reproduzem em água corrente e a presença de esterco na água serve de alimento para as larvas, que vivem por cerca de 20 dias aderidas a pedras e galhos.

O problema é agravado pela proximidade das criações aos cursos de água. Observou-se que 64,7% das propriedades possuíam esterqueiras localizadas a menos de 200 metros dos cursos d'água, considerando somente as propriedades com armazenamento de dejetos, pois as outras são consideradas como poluentes do meio ambiente, mesmo estando distante das fontes de água.

A legislação ambiental vigente em Santa Catarina não é cumprida e muitas vezes, é desconhecida dos técnicos e produtores. Em consequência, o próprio produtor vem sentindo o resultado da poluição por ele causada pela contaminação das águas superficiais (91% de 236 amostras de água analisadas pela Comissão de Saneamento Básico da Prefeitura de Concórdia, em 1991, estavam contaminadas por coliformes fecais); pelo aumento do número de insetos-pragas (moscas e borrachudos); e pela mortalidade de leitões com diarreia (em 100% das propriedades visitadas, ocorria diarreia nos leitões, das quais 11,5% com mortalidade de mais de 3 leitões por leitegada).

O levantamento realizado também permitiu observar que 81,3% dos produtores baseava o controle de moscas no uso de inseticidas (Tabela 3).

Tabela 3 – Inseticidas para controle de moscas utilizados pelos suinocultores de Concórdia, SC, entrevistados de abril/91 a abril/92.

Inseticida Princípio ativo	Usuários	
	Número	Percentual
Deltametrina	114	54,5
Azamethiphos	31	14,8
Muscamone + Bitex + Metomil	5	2,4
Aletrina	3	1,4
Fenitroton	2	0,9
Cipermetrina	2	0,9
Diclorvos + Cipermetrina	1	0,5
Diazinon	1	0,5
Outros	8	3,8
Empresa Desinsetizadora	3	1,4
Não usa inseticida	39	18,7
Total	209	100,0

alguns suinocultores usavam mais de um produto.

Dos produtores que empregavam inseticidas, observou-se que 54,4% usavam um mesmo princípio ativo para o combate de moscas, sendo esse um piretróide. Esse produto é um inseticida de elevada importância no combate das moscas adultas porém, muito suscetível ao desenvolvimento de resistência. Seu uso é recomendado somente como parte de um sistema de controle integrado, ao lado da utilização de práticas de controle mecânico, que é o manejo correto dos dejetos e do controle biológico, que é a preservação e, até mesmo a liberação de predadores e parasitoides.

No combate às moscas além das práticas de controle através do manejo correto dos dejetos recomenda-se, ainda, que os animais mortos e restos de parição sejam colocados em fossa coberta, separados do esterco, ou enterrados, observando a distância mínima de 20 metros da fonte de água e em local apropriado, considerando a profundidade do lençol freático. O esterco da maternidade, com a cama das criadeiras (serragem, maravalha ou palhada), deve ser colocado em câmara de fermentação ou amontoado em local alto e seco, mantendo-se coberto com lona plástica, por 40 a 60 dias.